

## **NÓS E OS OUTROS (Um breve ensaio sobre a dor)**

Cláudio Néspoli – cjnespoli@yahoo.com.br

[O ensaio] não começa com Adão e Eva, mas com aquilo de que quer falar: diz o que lhe ocorre, termina onde ele mesmo acha que acabou e não onde nada mais resta a dizer: assim ele se insere entre os despropósitos. Seus conceitos não se constroem a partir de algo primeiro, nem se fecharam em algo último (p. 168).

Sempre me perguntei a respeito da intensidade da dor em todos os seus aspectos. Não me refiro aqui a um fenômeno neurofisiológico, psíquico. Mas faço referência à dor como um fenômeno sócio-cultural. O que pode haver de social em um sentimento, aparentemente tão singular, subjetivo. Onde podemos identificar fatores, exteriores ao indivíduo, que influenciam nas manifestações desse sentimento? Da mesma forma, para quem está de fora, como percebemos a dor do outro?

Onde formulamos os nossos conceitos e preconceitos para que nossa percepção, nosso olhar, se dirija dessa ou daquela forma?

Somos muitas vezes insensíveis e desatentos às coisas que estão ao redor e nos empobrecemos com isso, alimentando e reproduzindo estereótipos e estigmas. Esses estereótipos nos chegam com uma força e uma autoridade que parecem inatos. De que maneira encontrar um caminho se já nos foi dito tudo antes de experimentarmos? Como nos livrar dos preconceitos que nos penetram e condicionam nosso processo de percepção? De onde vieram e como se libertar? Talvez tenhamos que, inicialmente, partir para a negação

# trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

do óbvio e do já visto e duvidar, principalmente de nós mesmos, para podermos estar mais libertos para uma percepção aventureira em busca do conhecimento.

Um ponto importante desta reflexão seria exatamente perceber pessoas, seres humanos que querem pertencer. Mesmo não gostando dessa palavra já que, sob minha ótica, todos nós “pertencemos”, fazemos parte, estamos todos –incluídos– em um sistema que considero perverso, desde o mendigo mais esquecido ao mais “bem sucedido” dos homens. Portanto, a idéia central desse texto será baseada em olhares e reflexões. Como percebemos os outros e a nós mesmos e como os outros nos percebem e a si próprios? Porque nos tornamos distantes? Porque nosso olhar, nossa percepção, cria verdadeiros abismos e define conceitos como “Nós” e “Eles”. Sendo essa distância a meu ver, o ponto chave pra entender o motivo pelo qual qualificamos a dor e demais situações que para uns é normal e para outros é absolutamente intolerável. Em situações iguais diferenciamos, então, onde está a diferença? Em nós? Talvez.

Segundo o pensamento de Norbert Elias em seu livro Os Estabelecidos e Outsiders onde o autor, ainda que faça referência a questões raciais, nos brinda com texto abrangente o suficiente para abrir campo para uma discussão a respeito das relações de poder que norteiam a sociedade. E são nessas relações de poder que se delimita a situação social do sujeito. Sendo tal situação fator decisivo para podermos identificar a essência da questão levantada nesta reflexão. Que trata de diferentes qualificações da dor, onde, a meu ver, há uma idéia, nem sempre percebida, de que determinados grupos ou pessoas em particular, definidos por classe social, raça, etnia, são mais resistentes, mais “fortes” e por consequência capazes de suportar com mais naturalidade situações de dor, preconceito e injustiça. Essa percepção foi bastante fortalecida pelas experiências vivenciadas na emergência do Hospital Universitário Antonio Pedro durante meu tempo de estágio. Tais experiências foram relatadas em diários de campo e são suporte de minha argumentação - algumas delas serão também descritas em seqüência

– Considero então importante investigar as raízes, origens dessa questão como também o grau de influência cultural que faz com que os próprios vitimados também

# trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

reproduzam o que vivenciam. Identificar as questões culturais, as relações de poder, a influência do outro em nós é o objetivo central do texto.

Dessa forma, Norbert Elias vai nos dizer que ao discutir os problemas “raciais”, tende-se a pôr a carroça adiante dos bois. Afirma-se, em geral, que pessoas percebem as outras como pertencentes a outro grupo porque a cor de sua pele é diferente. Seria mais pertinente indagar como foi que surgiu no mundo o hábito de perceber as pessoas com outra cor de pele como pertencentes a um grupo diferente. Esse problema coloca prontamente em foco o longo processo durante o qual os grupos humanos se desenvolveram em diferentes partes da Terra, adaptaram-se a condições físicas diferentes e mais tarde, após longos períodos do isolamento, entraram em contato uns com os outros, não raro como conquistadores e conquistados e, portanto, dentro de uma mesma sociedade, como estabelecidos e outsiders. Foi em decorrência desse longo processo de interpretação, no qual grupos com diferentes características físicas tornaram-se interdependentes como senhores e escravos, ou ocupando outras posições com grandes diferenciais de poder, que as diferenças na aparência física passaram a ser sinais da pertença das pessoas em grupos como diferenças de poder, com pertenças diferentes e com normas distintas. Isso faz lembrar, mais uma vez, a necessidade de reconstituir o caráter temporal dos grupos e suas relações como processos na seqüência temporal, caso queiramos entender as fronteiras que as pessoas traçam ao estabelecer uma distinção entre grupos a que se referem como “nós” e grupos a que se referem como “eles”. (2000, p. 46)

É interessante observar a força com que as questões étnicas e raciais são vistas em primeiro plano, desviando, a meu ver, o foco de uma questão central que são as relações de poder e a conseqüente “exclusão” que se oriunda dessa desigualdade social. Esse talvez seja o principal ponto e de onde se originam as demais formas de discriminação da qual são vítimas as classes sociais que, por estarem submissas ao poder, sobretudo econômico, são submetidas. Mas os estigmas raciais e étnicos são posteriores e, portanto, se faz necessário não perder o foco na questão social, que é central, e com isso não pôr “a carroça adiante dos bois”, como nos diz Elias

# trabalho necessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

E a partir deste texto inicio meus relatos que me chamaram bastante atenção e que são o motivo principal de estar escrevendo agora.

## **PRIMEIRO RELATO - “O BÊBADO”**

Sábado, mais precisamente 20 de outubro de 2007, dia ensolarado convidando para muitas coisas, mas acabo de chegar ao meu campo de estágio (Hospital Universitário Antônio Pedro) no setor de emergência. Sinto-me alegre e na expectativa de rever meus colegas, assim como prestar um bom atendimento aos pacientes (usuários). Ainda é bem cedo, mas já posso sentir o cheiro da comida do hospital que sempre me deixa enjoado e sem fome. Às vezes, me sinto mal pensando assim, ao ver os pacientes, nem todos, comendo com muita satisfação o que lhes é servido, então esqueço um pouco do cheiro e procuro me concentrar no trabalho.

Entro na sala de Serviço Social, falo com todos e vou me aprontar para o trabalho. Após vestir meu jaleco, ouço gritos pelo corredor. Imediatamente, fomos ver do que se tratava e, ao chegarmos ao local, nos deparamos com uma pessoa apresentando feridas pelo corpo, com as roupas rasgadas e bem sujas, aparentando estar alcoolizado...

O paciente havia recebido os primeiros socorros e não parava de falar coisas incompreensíveis, foi quando tentamos realizar uma entrevista. Nesta “entrevista”, conseguimos descobrir que se tratava de um morador de rua e que não tinha nenhum parente próximo. Após uma breve e difícil conversa, retorno para a sala e continuo ouvindo o paciente gritando, fato que, exceto pelo transtorno, não mobilizou ninguém, já que, assim como em casos semelhantes, fica claro o pouco interesse, inclusive nosso, a respeito do caso em questão.

# trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

Os gritos aumentam, assim como a agressividade do paciente. Neste momento, alguns enfermeiros chegaram ao local para amenizar a questão. Decido retornar ao local do acontecimento e escuto um médico, que passava por ali, dizer: “esses bêbados só servem para atrapalhar nosso trabalho”. “Bêbado”. Esta palavra reflete bem o menosprezo e desinteresse com esses pacientes. Só são atendidos, a meu ver, por obrigação ou por uma solidariedade inata, até porque esses pacientes causam distúrbios (talvez esses momentos sejam os únicos em que são notados por alguém).

No entanto, ao olhar para este “bêbado”, de pronto me lembro de casos parecidos, como o ocorrido há semanas atrás. Estou me referindo ao um paciente que deu entrada na emergência também bastante descontrolado, cercado de familiares que tentavam, de certa forma, mascarar o que se passava com o rapaz em questão, que, diferente do paciente alcoolizado, estava bem vestido e não se encontrava só. No decorrer do atendimento a este paciente, se descobriu que tratava-se de um dependente químico e que estava ali por ter ingerido uma dose excessiva de cocaína. A equipe, em geral, tratou desse caso com mais cuidado e interesse, todos comentavam a respeito, dizendo não compreender os motivos que levam uma pessoa “bonita”, bem cuidada, estar nessa situação. É claro que também houve, e não foram poucos, comentários discriminatórios, mas que se percebe, não estigmatizam a pessoa em si e sim as drogas. Já os pacientes alcoolizados, como o deste relato, são tachados de bêbados, o que fica evidente uma discriminação ao sujeito e não ao objeto causador da dependência.

Ao continuar meu olhar sobre o paciente alcoolizado, percebo uma sutil diferença no tratamento de ambos os casos e vejo a questão sócio-cultural que embasa essas atitudes, essas percepções imediatas. Ainda que haja preconceito e uma certa repulsa aos usuários de drogas, vejo com clareza a diferença do nosso olhar em relação aos casos. De como é ver uma pessoa descontrolada, andando pelos corredores, sozinha e com as roupas esfarrapadas, esperando um tratamento digno, o que não vai acontecer. E, no entanto, vemos com uma incômoda naturalidade esse conjunto de coisas. Percebemos que tudo isso

é normal para ele, não foi a primeira e nem será a última vez que passará por isso e, por já estar habituado a tudo isso, avaliamos que ele pode passar por isso, pois é “normal”.

Ao passo que o rapaz, dependente químico, também descontrolado, também causando distúrbios na rotina do hospital, porém cercado de pessoas, de carinho...Sinto-me incomodado ao vê-lo na emergência do hospital, não me parece habitual a ele passar por essa situação, é constrangedor e estranho. Portanto, é como se este rapaz não devesse e não pudesse passar por isso.

Ao refletir essa questão, percebo o quanto de pessoal há no meu olhar e volto para a sala com uma certa vergonha de meus pensamentos e atitudes.

Após um longo e tumultuado dia, o paciente alcoolizado saiu à revelia do hospital, não causando, com essa atitude, muito incômodo a ninguém. Deixando em todos “uma leve impressão de que já vou tarde”, como diria o grande Chico no final de sua música “*Trocando em Miúdos*”

## **SEGUNDO RELATO - “MEU GURI”**

Chego um pouco atrasado ao meu campo de estágio e já na expectativa de ser advertido, entro na sala com calma e pronto para ouvir... Ao abrir a porta, não vejo ninguém, apenas o livro de registros aberto e os objetos de meus colegas largados pela sala. Decido, então, vestir a roupa adequada e ir até a portaria para saber o que se passava. Foi quando descobri que estavam todos prestando atendimento a um adolescente que havia dado entrada no hospital vítima de perfuração por arma de fogo (PAF). Em meio à incerteza de ficar na sala e ir ao encontro dos meus colegas, decido ir. Ao chegar ao local, vejo uma concentração incomum de pessoas em volta do paciente em questão. Pergunto a uma colega e ela de pronto me diz que o ferimento do rapaz se deu devido a um confronto com a polícia em uma comunidade de Niterói.

# trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

Dessa forma inicio meu segundo relato, que terá, assim como o primeiro, desenrolar diferente, sendo que há algo em comum entre eles. E é justamente no que há em comum entre eles e que muitas vezes passa despercebido, que reside o foco e o interesse deste texto.

Havia grande movimentação no hospital por conta desse caso. Na noite anterior, o paciente, segundo relatos, foi agredido pelos policiais de plantão. Policiais estes que estão ali para garantir a segurança. Diante disso, a mãe do adolescente procurou imediatamente providenciar a transferência do seu filho, por temer que ele pudesse ser vítima de uma nova agressão.

Em meio a toda a movimentação do caso em questão, volto, com outros colegas, para a sala, que havia ficado vazia, para prestar atendimento a outros possíveis usuários, ainda que toda nossa atenção esteja voltada para este caso. Foi, neste momento, que a mãe do adolescente nos procurou, bem nervosa, em busca de orientações e providências que poderiam ser tomadas em relação a seu filho. Ela estava bastante temerosa, e com razão, de que algo acontecesse a seu filho caso ele continuasse no hospital.

Por se tratar de uma questão bem delicada, a nossa supervisora tomou o caso para si e com muita propriedade atendeu a essa mãe com todo o cuidado e dedicação que se fazia necessário. Ficamos na sala ouvindo o relato dessa mãe e no decorrer da entrevista me veio à mente, olhando para a figura daquela mãe, diversas outras que têm seus filhos em situação semelhante e de pronto lembro de jovens, como o rapaz hospitalizado, assassinados, "por estarem envolvidos com o tráfico". Imagino suas mães, será que a dor delas é menor? Ou por estarem "acostumadas" com a rotina de violência encaram com naturalidade esses fatos? Penso em que momento podemos identificar a angústia dessas mães que vêem, de relance, suas vidas e por um instante imaginam como poderia ter sido diferente, em que momento "falharam" na educação... e então se culpam ao verem seus filhos terminarem assim. Não têm sequer, exatamente como essa mãe aqui presente, o consolo de consciência nem a participação e mobilização da sociedade em torno de seu

# trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

luto, estão sozinhas e com medo, tendo apenas a lamentação e uma revolta contida ao seu lado. Contudo, essa mãe, após períodos de lamentações, que me fizeram ter essa reflexão, se mostra muito forte e decidida a buscar em todos os lugares, soluções para o caso de seu filho

O caso ganhou repercussão, a imprensa esteve no hospital, o Ministério Público se envolveu e, com isso, a direção do hospital se sentiu obrigada a tomar providências. Nesse meio tempo, a mãe voltou a nos procurar por diversas vezes. Em algumas, mais tranqüila, em outras mais nervosa beirando ao desespero. Neste momento, já havíamos feito contato com o conselho tutelar que nos atendeu com a maior presteza.

Devido a repercussão que o caso ganhou, ficamos impressionados com o repentino interesse e com a qualidade do atendimento ao adolescente, deixando claro que esta motivação se deveu à repercussão que o caso estava tendo, já que o adolescente estava no hospital desde a quarta-feira e que estava sendo visto por todos como um infrator, envolvido com o tráfico de drogas. Portanto, não merecia um cuidado especial e, como nos disse um policial de plantão, “este menino devia ter morrido na troca de tiros, seria menos um para nos dar trabalho e, além de tudo, ainda temos que fazer sua segurança”

Após este triste comentário fomos ver o paciente novamente. Percebemos, imediatamente, sua perplexidade com o tipo de tratamento que passou a receber. Não parava de agradecer, demonstrando estar fora de sua realidade ser tratado assim. Tratava-se de um rapaz negro, de origem bastante humilde, que não conseguia se identificar com cuidados, atenção. O seu olhar era assustado, primeiro, acho eu, com sua condição de hospitalizado e da iminente possibilidade de sofrer novas represálias. Segundo, com a atenção que todos estavam dirigindo a ele. Vejo, ao olhar para ele, que não faz parte de sua rotina essa condição. Até mesmo a troca de curativos, feita com carinho a partir de então, o deixou com ar de espanto e falta de entendimento. E no momento em que estava saindo da visita, chega, trazida por uma enfermeira, sua comida, e desta vez não me importei muito com o cheiro, que tanto me incomodava até o momento e, ao vê-lo comer com tanta



# trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

dignidade e entusiasmo, me fez lembrar mais uma vez de Chico e seu operário em “Construção” que comia “feijão com arroz como se fosse um príncipe”, fato que também me remeteu aos meninos de Jorge Amado em “Capitães da Areia”, no momento em que chega um parque na cidade e todos os meninos já tinham algo para fazer, “compromissos importantes” mas que ao terem a oportunidade de estrear os brinquedos do parque, para testá-los, deixaram tudo, para irem brincar, porque, acima de qualquer coisa, eram crianças que mesmo tendo uma realidade bem difícil, longe do que se deve ser a infância, isso não apagou suas essências e sonhos de criança. Naquele breve momento se deu o que posso chamar de uma ausência do constrangimento dos limites, de sua condição, de posição social, perspectivas futuras, tudo parecia ser possível novamente. Contudo, percebo infelizmente, que este foi apenas um momento isolado e que situações de violência e abandono são mais condizentes com sua realidade e por estar tão habituado a essa realidade, parecia não se sentir digno de um tratamento humano e solidário diante de sua tão subjetiva e, ao mesmo tempo, tão social dor.

Após essa visita, voltamos para a sala e em meio a toda uma preocupação com o caso, nos deparamos mais uma vez com a mãe que, neste momento, estava mais calma e também muito agradecida ao atendimento prestado. Presente ali também estava o representante do conselho tutelar, que nos ajudou no que era necessário.

Ao final do dia tudo aconteceu como deveria ser de rotina e culminou com uma bem sucedida transferência do adolescente para uma outra unidade hospitalar.

Considero mais importante do que qualquer crítica ao tratamento prestado pelos profissionais de plantão, seria nos atermos as sutilezas apresentadas nos relatos. Para entender porque nosso primeiro olhar, nossa primeira percepção discriminou, percebeu se uma pessoa estava bem vestida ou não; qualificamos tipos de sofrimentos, uns suportáveis, outros não. Ao tacharmos de “bêbado” imediatamente nos eximimos de prestar um bom atendimento, essa palavra em si já desqualifica o paciente como pessoa passando a ser

apenas mais um incômodo, o torna, para nossa percepção, imune ao sofrimento e indigno de um tratamento adequado. Da mesma maneira que nos tornam também imunes em relação ao que se passa com um “bêbado” nossa consciência tanto de profissional como de pessoa fica tranqüila quando pensamos se tratar apenas de um “bêbado” e nada mais. Outro detalhe importante é perceber como o adolescente baleado não conseguia se identificar com um tratamento humano, não se achava merecedor de tal tratamento. Que fatores condicionam os próprios vitimados a também se sentirem indignos e em muitas vezes a também reproduzirem o mesmo com seus pares sociais?

Ao refletir sobre esta questão, me veio à mente mais um fato, hoje em dia corriqueiro, que ilustrará o que foi dito:

### **SINAL VERMELHO, DEVEMOS PARAR?**

Outro dia estava parado num sinal de trânsito e me deparei com uma situação bastante comum, em que vários meninos estavam fazendo malabarismo e pedindo dinheiro. Tenho reações diversas em relação a essa questão: algumas vezes eu, repleto de responsabilidade social, decido não “ajudar” e vou para casa com a consciência tranqüila de não contribuir para a reprodução desta prática que tanto prejudica essas crianças, e durmo bem à noite com leveza de consciência. Em outros dias, eu dou alguns trocados, nada que me faça realmente falta, é claro, e também faço as pazes com meu lado solidário, o que também é um ótimo sonífero. Isso me faz lembrar um grande poeta libanês quando diz que:

“para os generosos, procurar quem recebe é uma alegria maior que a de dar (...) e que mérito maior haverá do que aquele que reside na coragem e na confiança, mais ainda, na caridade de receber? (...) e quem sois vós para que os homens devam expor seu íntimo e desnudar seu orgulho a fim de que possais ver seu mérito despido e seu amor-próprio rebaixado? Procurai ver, primeiro, se mereceis ser doadores...” (GIBRAN, 2000. p.19)

Tudo isso passa em pensamentos e reflexões, o que de forma nenhuma passa é a percepção de essas crianças serem um dos “nossos”, e aí falo de minha visão, e por não encará-los como um dos “nossos” ou “meus”, também não consigo ver neles, de imediato,

# trabalho necessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

todos os anseios e aspirações de criança. O que me faz ver com naturalidade uma criança estar na rua de madrugada, sem, com isso, me causar a indignação necessária e condizente com esse fato que deveria ser encarado como absolutamente trágico. Mas, como essa situação é tão comum para “eles”, passo ali e ora os percebo e tomo esta ou àquela atitude, ora são despercebidos por completo, a não ser pelo medo e inconveniência que sinto em muitas ocasiões. Sinto que, por estarem tão habituados a essa condição, acho que eles podem passar por isso, que é “normal”.

Como naturalizamos situações que deveriam ser absolutamente intoleráveis? Acho que estamos fortalecendo ainda mais os abismos e nos separando, a tal ponto que não nos incomodamos mais com essas situações. Com isso vejo que caracterizamos conceitos com “nós” (grupo de pessoas, profissionais, segmentos sociais...) e “eles” (segmento sociais que estão à margem, pessoas que são “acostumadas” a passarem por situações de violência, abandono, descaso... ) dessa forma acreditamos que tais pessoas são fortes o suficiente para suportarem, toda sorte de injustiças ou talvez não nos incomodamos por simplesmente não nos importarmos, assim como o mundo faz com a África, fazemos com os, para dar um exemplo, meninos e meninas que nos passam despercebidos pelas madrugadas nas ruas, a não ser pelo receio de sermos abordados, aí qual a solução? Fechamos os vidros...

Tomando como base os exemplos acima relatados iniciei meus estudos na tentativa de entender um pouco mais dessa questão e me deparei com um texto que considero um presente, e que me fez refletir em relação ao tema proposto e que, de certa forma, me deixou muito satisfeito e ao mesmo tempo um pouco constrangido em ferir uma ilusão minha, de tentar ser o mais original possível, já que este texto vai bem ao encontro do que quero dizer neste trabalho. Esta situação me fez recorrer mais uma vez a Nietzsche, que me “consola” ao dizer que ninguém pode ouvir nas coisas, assim como nos livros, mais do que já sabe por vivência, por experiência. “Para aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvidos” (1991, p.155).

Refiro-me, aqui, a um artigo de Cynthia A. Sarti, “*A dor, o indivíduo e a cultura*”. E foi nele que encontrei o que tanto buscava:

“nenhuma realidade humana prescinde de dimensão social, tampouco o corpo ou a dor. A singularidade da dor como experiência subjetiva torna-a um campo privilegiado para se pensar a relação entre indivíduo e sociedade. Toda experiência individual inscreve-se num campo de significações coletivamente elaborado. As experiências vividas pelos indivíduos, seu modo de ser, de sentir ou de agir serão constitutivamente referidos à sociedade à qual pertencem. Ainda que traduzido e apreendido subjetivamente, o significado de toda experiência humana é sempre elaborado histórica e culturalmente, sendo transmitido pela socialização, iniciada ao nascer e renovada ao longo da vida” (SARTI, 2001, p.2)

Viver em sociedade, conforme vai nos dizer Sarti, é experimentar um constante processo de confronto entre o individual e o coletivo, construindo significado para as experiências. A dor, assim como os demais outros sentimentos, remete a uma subjetividade radical. Contudo, as experiências humanas têm seu significado inseridos em uma realidade coletiva, social. (2001, p. 4)

Identificar a dor como uma experiência coletiva, implica em ter como referência a sociedade em que se vive, onde o indivíduo se situa. As sociedades têm influência decisiva e definitiva que vai acompanhar o indivíduo em toda a sua trajetória. Os fatores exteriores, que só ocorrem em sociedade, têm um forte poder de coerção, fazendo com que o indivíduo interiorize em si, o que é produzido na coletividade. Dentro dessa perspectiva vai ser fundamental o local, o momento histórico onde o indivíduo se insere.

O papel social será, dentro dessa perspectiva, fundamental para as manifestações da dor em cada indivíduo. A sociedade imprimirá sua marca em cada um dos seus pertencentes de maneira a impor-lhes os hábitos. Dentro desta perspectiva, tentarei explorar um complexo e fundamental conceito muito bem elaborado por BOURDIEU, ao se referir ao habitus, nos dizendo que: “a construção do habitus como sistema das disposições socialmente constituídas que enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (2005, p. 191)

“O habitus é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco isto é, um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas [...] Os habitus são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc. , mas elas não são as mesmas. Assim , por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro.” (1997, p. 21-22)

Partindo dessas premissas podemos entender que os valores sociais adquiridos, vão ter papel decisivo para os indivíduos sintetizarem seus entendimentos sobre o justo e o injusto, sobre o correto e o incorreto... podendo, estes valores, hierarquizar condutas nos mais diferentes setores da vida social. Podemos entender, que a visão de mundo de cada indivíduo será definida pelo grupo social a qual pertence, do qual formou seu habitus. O indivíduo é dominado consciente e inconscientemente por um poder sutil e invisível, o “poder simbólico”. A cultura dominante será estruturante das ações e pensamentos dos indivíduos, criando para si uma legitimidade que terá um efeito paralisante das reflexões, passando o indivíduo a pensar e agir de acordo com o que é conduzido a fazer. Ainda, segundo Bourdieu: o habitus é um sistema subjetivo mas não individual de estruturas interiorizadas , de esquemas de percepções e de concepção e de ação que serão comuns aos membros do mesmo grupo ou da mesma classe , constituindo a condição de toda objetivação e de toda a percepção... (1983, p. 80-81)

Bourdieu procura demonstrar que existe uma relação entre a cultura estabelecida e as desigualdades sociais, essa cultura estabelecida terá um poder de coação que levará os indivíduos a tomarem decisões e mesmo defenderem idéias, que são o reflexo do meio

cultural onde vivem, onde foram expostos desde a infância e, por conta disso, o tornam “cegos” para sequer questionarem suas próprias ações e pensamentos.

Retomando Bourdieu, seu conceito de habitus é bastante complexo e abrangente, não se reduzindo a uma única forma de estruturação, a “estruturas estruturadas e estruturas estruturantes”, adquirimos habitus, desde a infância, passando pela escola, pelo meio em que vivemos. Esse condicionamento vai delimitar nosso espaço, nosso lugar na sociedade, sendo proposto por Bourdieu a noção de espaço social, com suas divisões que nos faz tomar posição tanto para conservar como para transformar o espaço em que nos situamos.

Dentro do que nos foi exposto, é fundamental perceber que, na mesma sociedade, a distinção da classe a qual o indivíduo pertence, será decisiva em relação às percepções do mesmo sentimento, como a dor. Será sentida e percebida de maneiras diferenciadas de acordo com as distinções de classe, gênero e etnia, fazendo com que se qualifique a realidade da dor. A desigualdade social fará com que o lugar ocupado pelo sujeito qualifique sua dor, as manifestações desse sentimento, suas percepções em relação a si mesmo, como também ao outro. Os indivíduos pertencentes às classes sociais inferiores terão sua dor vistas como naturais, como que pertencentes a sua rotina, não somente pelos mais bem situados socialmente, mas também por si mesmos. A interiorização desse sentimento desigual fará com que se torne difícil para os desfavorecidos socialmente terem para si a idéia de bem-estar social. Portanto, esta classe social, terá a tendência da passividade em relação a sua própria situação de dor, achando “normal” passar por determinadas situações e, vez por outra, manifestarão agradecimento sempre que tiverem um tratamento digno (em particular, me refiro à rotina do hospital onde fiz meu estágio) porque se sentem não merecedores de um bom tratamento, um atributo da classe dominante ou um suposto atributo, mas que definirá as reações das classes inferiores. Essa percepção é bastante perversa e legítima essa condição de dominação social, que Pierre Bourdieu (2007) vai chamar de “violência simbólica”, nos dizendo:

“É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força que as fundamentam e contribuindo assim para a domesticação dos dominados” (p. 11).

O poder da violência simbólica terá seu efeito majorado tanto maior for a ignorância em relação a ele. O desconhecimento de tal poder terá o efeito de estabelecer a legitimidade de um discurso, de uma decisão ou mesmo de instituições, mas essa legitimidade supõe o desconhecimento da origem do poder que a criou, segundo Bourdieu, é necessário reconhecermos e saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é ignorado o poder simbólico somente pode ser exercido com a cumplicidade dos que não querem saber que estão sujeitos ou mesmo que o exercem. Trata-se de um poder quase mágico, permitindo obter o equivalente do que é obtido pela força física ou econômica, sendo ignorado como uma força arbitrária ( 2007,p 7-14)

Ao analisarmos os espaços sociais podemos perceber que a classe dominante terá uma visão de sua dor como uma situação intolerável, tendo que ser entendida, dividida, compartilhada com todos, inclusive com as classes inferiores, que, por contraditório que pareça, se sensibilizará com essa dor em muitas vezes mais do que com sua própria.

Toda essa apresentação teórica busca encontrar luzes para se entender a questão levantado no texto. É evidente que todos os conceitos levantados precisam de um aprofundamento digno dos autores com que tive a audácia de mencionar. Mas acho também, e nisto reside meu empenho, que este tema não se esgota jamais devido a complexidade que é lidar com relações humanas, daí a escolha do trecho de Adorno no início do texto. O grande objetivo é passar minha visão a respeito dos acontecimento vivenciados não somente durante o estágio no hospital como também uma visão a respeito

das situações mais corriqueiras que , ao meu ver, estão cercadas por toda uma estruturação cultural consolidada e enraizada ao longo do tempo, nosso procedimento dentro do hospital e nossas percepções durante o período do hospital são meros reflexos de nossas ações e percepções durante nossas vidas.

Sendo assim, finalizo com o início:

## **UM OLHAR, O INÍCIO DE TUDO**

Chego em um momento difícil, o momento de finalizar, momentaneamente, a minha jornada na interminável busca pelo conhecimento. Não são apenas pensamentos que deixo, por hora, para trás, mas minha alma. Espero ter, de alguma forma, contribuído ou ao menos ter despertado algumas reflexões e aberto campo para novas tentativas de entendimento da realidade social em que vivemos. Devo dizer também que me sinto muito honrado em ter trabalhado com grandes autores que, neste período, se tornaram verdadeiros amigos. Sinto em ter que deixá-los agora, ficando sempre na esperança de revê-los novamente. Sinto também que devo, em outra oportunidade, pagar uma dívida com outros grandes que não tive a oportunidade de trabalhar aqui que, com certeza, iriam contribuir bastante.

Durante quase toda a minha vida fui perseguido por um olhar, uma percepção. Esse olhar vem da infância, mais precisamente quando tinha sete anos. Essa infância foi passada em contato muito estreito com pessoas absolutamente miseráveis. Dentre muitas, uma em especial sempre me chamava mais a atenção. Tratava-se de uma mãe que, assim como a minha, tinha sete filhos, e por vivermos na mesma localidade e pelo motivo de estudar no mesmo colégio de dois de seus filhos, me tornei próximo o suficiente para perceber esta família, perceber esta mãe. Esta pessoa cuidava sozinha dos seus filhos, já que o esposo a tinha abandonado há bastante tempo. Naquela época não havia essa influência, como hoje, do tráfico de drogas, mas devido a fatores múltiplos, dois de seus filhos tornaram-se, no dizer da época, bandidos. E por conta disso, era comum a polícia fazer incursões neste local em busca desses dois, assim como de outros. Em um desses dias, quando estávamos todos



# trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

dormindo, fomos acordados por um alvoroço incomum naquela hora. Neste momento, saí de casa e vi, passando pela rua, vários policiais, indo na direção da casa dessa família, assim como quase toda a vizinhança. Não pude me conter e fui junto para ver o que havia acontecido. Quando cheguei lá, me deparei com essa mãe ao lado de sua única filha, que tinha acabado de morrer por causa de um “erro” da polícia, que na tentativa de atingir o seu filho, que conseguiu fugir, acabou atingindo sua filha. E foi neste momento que me detive no olhar dessa mãe ao ver sua filha morta. Um olhar que me marcou muito, que refletia medo, desespero, tristeza ao ver que o destino venceu, que apesar de todo o seu esforço na criação dos filhos, o desfecho, já esperado por muitos, aconteceu, foi implacável. Com a pessoa “errada”, mas aconteceu. Não havia mais nada a ser feito a não ser lamentar e suportar mais essa situação.

Esse olhar me deteve, assim como outros das pessoas em volta que refletiam solidariedade, é claro, mas também conformismo e naturalidade, não com suas próprias realidades, mas com a realidade daquela mãe, que já estava habituada a dor, a angústia de ter dois de seus filhos procurados pela polícia e, por conta disso, deveria ser mais forte, mais resistente a esse tipo de coisa. E eu me perguntava o mesmo que pergunto agora, será que a dor dessa mãe é menor? Será que sua condição social, que sua estrutura familiar a deixaram imune ao sofrimento, ou talvez seus “erros” na educação dos filhos a tornaram merecedora do que aconteceu?

Acho que é dessa mãe que tento falar em todo o trabalho, é esse olhar que tento retratar e que reconheço nos casos relatados, acontecidos no hospital onde prestei estágio e de onde me veio a reflexão para fazer este questionamento a respeito da enorme separação e distância que nos posicionamos em relação aos “outros”. E se trabalhei com grandes autores, talvez essa mãe seja a grande autora, para não dizer inspiradora. Acho também que esse olhar será meu destino, e em alguns momentos não gosto dessa idéia, por considerar muito ingênuo para um futuro profissional ter uma percepção talvez um pouco romantizada diante da realidade que devo encarar. Em outros momentos sinto que é importante não perder a sensibilidade com essas situações, de manter uma visão menos superficial da

# trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

realidade, já que foi essa visão que me trouxe à universidade e é ela que me faz escrever este trabalho, não como uma obrigação, e sim como uma necessidade de expressão e uma vontade muito grande de buscar entender essas percepções. E, como diria Caetano: “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”.

Para me reportar aos casos do hospital, é importante frisar que fazíamos nossos estágios sempre nos sábados, assim como os outros profissionais do hospital, ou seja, éramos, a não ser por raras exceções, sempre os mesmos. Portanto, os atendimentos citados passaram pelas mesmas mãos em dias diferentes. Quero dizer que em todos os casos, as mesmas pessoas tiveram as mesmas condutas, fato que indicaria, à priori, uma igualdade no atendimento prestado. Entretanto, sob a minha ótica, houve uma grande diferenciação no atendimento, seja na forma de tratamento, seja na atenção prestada, seja nos comentários (fofocas), que diferenciaram bastante, casos iguais. Em todos os relatos, nossa primeira percepção, nosso primeiro olhar foi o grande diferenciador, sendo necessário recorrer a nossa formação social e acadêmica para analisarmos e termos uma postura condizente com nosso trabalho. Mas o que me incomoda muito, é exatamente esse primeiro olhar, aquele que nos fez ter essa percepção inicial, que nos fez reparar se o dependente químico era bonito, jovem, bem vestido; enquanto o outro era apenas um “bêbado chato”; que fez com que um garoto baleado fosse hostilizado pela equipe em geral e que, no momento da reviravolta do caso, passaram, talvez por obrigação, a tratá-lo mais dignamente.

Preocupa-me bastante essa percepção imediata. Busco entender o que ocasiona isso, que raiz, que estrutura nos leva a ter, de pronto, esse olhar e o que considero ainda mais intrigante, que raiz e estrutura levam os vitimados por nossas percepções e condutas, a também se sentirem indignos, também se sentirem diferentes e também reproduzirem isso com os seus pares sociais. Esse trabalho tenta dar alguma contribuição na tentativa de desvendar o motivo pelo qual temos a idéia de que alguns podem passar por situações de dor, de descaso, e outros não. Para uns é natural ser mal-tratado, ver seu filho morto, como no exemplo citado. No entanto, poderia citar diversos outros casos semelhantes, que vemos o tempo todo nos jornais e na televisão..., já vi velas nas janelas, todos de branco em

# trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

Copacabana, abraço na Lagoa... Sem demérito a essas causas, mas nunca vi abraço em Vigário Geral, nem toda a sociedade ir com velas para as favelas em luto dos moradores que são vítimas tanto dos traficantes quanto da polícia. Isso é difícil de acontecer, a meu ver porque a união de todos só se faz necessária quando a causa é muito “importante” e inadmissível que se repita, que aconteça novamente. E o que não pode acontecer, ou melhor com quem não pode acontecer? Atribuímos o mesmo grau de importância, a situações semelhantes? Para quais casos dedicamos nossa atenção em noticiários de televisão, jornal, ou em situações cotidianas? Quem são nossos bêbados e quem são nossos dependentes químicos?

Almejo que esta “conclusão” faça às vezes de uma introdução e leve o leitor a refletir e a dar sua contribuição a este inesgotável tema, que trata de relações humanas.

Não gosto muito da palavra sistema, sei que somos “vítimas” de estruturas consolidadas ao longo do tempo, mas sei também que essas estruturas não são alienígenas, somos fruto de processos humanos, reproduzidos também por seres humanos. E por sermos humanos temos que nos dar conta de nossa responsabilidade social o tempo todo. Para não reproduzir sempre nossas atitudes, temos que primeiramente nos dar conta delas. E se guardamos ou escondemos nossos preconceitos, muito bem, onde escondemos ou guardamos nosso senso de coletividade? Entendo que devemos ter em mente que o mundo individualizado em que vivemos: “deve sua existência a uma ideologia que é coletivamente mantida” (DAMATTA,1997, p.160)

Acho que neste momento, todos já estão cansados com minhas palavras pequenas, mas agora vou deixá-los com um grande mestre delas:

“(…) e cada folha é uma diferente / E cada instante é diferente, e cada homem é / diferente, e somos todos iguais. / (...) de todos / sermos irmãos, no ódio, no amor, na incompreensão / e no sublime cotidiano, tudo, mas tudo é nosso irmão.” Carlos Drummond de Andrade

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **O ensaio como forma**. In: COHN, Gabriel (org.) Theodor W. Adorno. Sociologia. São Paulo: Ática, 1976

ANDRADE, Carlos Drummond. **Reunião, 10 Livros de Poesia**. Os Últimos Dias. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973

BOURDIEU, Pierre. **A Economia Das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Campinas Papyrus. 1997

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. In Pierre Bourdieu – sociologia. São Paulo, Ática. 1983.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais Malandros e Heróis**. Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História Da Violência Nas Prisões**. Petrópolis-RJ: Vozes , 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo- SP: Martin Claret, 2005

SARTI, Cynthia A. A dor, o indivíduo e a cultura. Saude soc. [online]. 2001, v. 10, n. 1, pp. 3-13. ISSN 0104-1290. doi: 10.1590/S0104-12902001000100002.

# trabalho *necessário*

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

VELOSO, Caetano. **Dom de Iludir**. Noites do Norte- Ao Vivo. Universal. Faixa 17, 2001